

ÍNDICE

Esta obra não pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer processo à excepção de excertos para divulgação.
Reservados todos os direitos, de acordo com a legislação em vigor.

TÍTULO

Nova Águia – Nº 26 – 2º Semestre 2020

AUTORES

Vários Autores

DIRECTOR

Renato Epifânia

VICE-DIRECTORES

Anna Galvão, António José Borges, José Almeida, Luís Lóia, Luís de Barreiros Tavares, Luísa Janeirinho, Maria João Carvalho, Maria Luísa Francisco, Nuno Sotto Mayor Ferrão e Samuel Dimas

ILUSTRAÇÕES (INTERIOR)

Délio Vargas

EDITOR

Alexandre Gabriel

1ª EDIÇÃO: Outubro de 2020

ISSN: 1647-2802

DEPÓSITO LEGAL: 276 328/08

IMPRESSÃO: DPS

© 2020, Nova Águia & Zéfiro



Zéfiro – Edições e Actividades Culturais, Unipessoal Lda.

Apartado 21 – 2711-953 Sintra – Portugal

EMAIL: zefiro@zefiro.pt

WWW.ZEFIRO.PT

EDITORIAL 5

FERNANDA DE CASTRO: NOS 120 ANOS DO SEU NASCIMENTO

Textos e Testemunhos de Mafalda Ferro (p. 8), António Quadros (p. 23), António Roquette Ferro (p. 24), Carmen Dolores (p. 24), Eduardo Pitta (p. 25), Fernando de Castro Ferro (p. 29), Fernando Dacosta (p. 30), Helena Marinho (p. 31), Joana Leitão de Barros (p. 42), José Carlos Seabra Pereira (p. 46), Madalena Ferreira Jordão (p. 63), Manuela Dâmaso (p. 67), Margarida de Magalhães Ramalho (p. 69), Paula Mourão (p. 75), Rita Ferro (p. 84) e Vasco Rosa (p. 85) | Outros Testemunhos de Alfredo Guisado (p. 86), Álvaro Ribeiro (p. 86), Amália Rodrigues (p. 87), Aquilino Ribeiro (p. 87), Ary dos Santos (p. 87), Augusto Santa-Rita (p. 87), Cecília Meireles (p. 87), Delfim Santos (p. 87), Germana Tanger (p. 87), João de Barros (p. 87), João Bigotte Chorão (p. 88), Joaquim Paço d'Arcos (p. 88), Joaquim Veríssimo Serrão (p. 88), Jorge Segurado (p. 88), José Leitão de Barros (p. 88), Margarida Homem de Sousa (p. 88), Maria Helena Ferro da Cunha de Matos (p. 88), Natália Correia (p. 88), Raul Lino (p. 88) e Teixeira de Pascoaes (p. 89) | Obra Publicada (p. 89)

PENSAR DE NOVO, PENSAR O NOVO: EM TEMPOS DE PANDEMIA

SEM BÚSSOLA | Adriano Moreira 92
A CRISE ESTABELECIDA E A AVERSÃO AO ESTRANHO:
O NOVO DESPERTAR DA VIVÊNCIA RACIONAL | António Duarte Santos 93
A PANDEMIA VENCERÁ O HEDONISMO? NÃO, NÃO VENCERÁ! | Artur Manso 98
LENDÔ COM DUAS CRIANÇAS | Ester Manuel Carlos 102
EDUCAÇÃO, SAÚDE E LITERACIA CÍVICO-JURÍDICA:
REFLEXÕES EM TEMPOS DE PANDEMIA | Emanuel Oliveira Medeiros 107
DA IDENTIDADE ÓNTICA DO TEMPO | J. A. Alves Ambrósio 115
REFLEXÕES SOBRE O CORONAVÍRUS | Luís de Barreiros Tavares 119
PANDEMIA, CONFINAMENTO E DEPOIS:
TEM ALGUMA UTILIDADE A FILOSOFIA? | Luis G. Soto & Miguel Ángel Martínez Quintanar 123
UMA VIDA EM TELETRABALHO | María Afonso Sancho 129
ESPERO PERDURAR POR VIA DOS QUE FICAM VIVOS | María de Sousa 131
SOMOS TUDO, SOMOS NADA | Mário Carneiro 133
AS PESSOAS E AS MÁSCARAS | Mário Forjaz Secca 134
A CULTURA, O MAL E A ESPERANÇA | Miguel Real 139
UMA REFLEXÃO SOBRE A PANDEMIA: PASSADO, PRESENTE E FUTURO | Nuno Sotto Mayor Ferrão 141
PALAVRAS CRUZADAS: PALAVRAS E COISAS EM TEMPO DE CORONAVÍRUS | Paulo Ferreira da Cunha 149
PERPLEXIDADES PANDÉMICAS | Renato Epifânia 154
COVID-19 E AS CRIANÇAS | Rodrigo Sobral Cunha 157

NA MORTE DE MÁRIO BIGOTTE CHORÃO

BREVE PERFIL DE MÁRIO BIGOTTE CHORÃO (1931-2020) | Paulo Ferreira da Cunha 160
HOJE E SEMPRE, MÁRIO BIGOTTE CHORÃO | Miguel Pedroso Machado 163
MÁRIO BIGOTTE CHORÃO: MEMENTO BRASILEIRO | Francisco Amaral 165

OUTRAS EVO(O)CAÇÕES

ALBANO MARTINS | António José Borges 168
ANTÓNIO MAGNO | Delmar Domingos de Carvalho 173
FERREIRA DEUSDADO | Melânia Pereira de Castro 175
MARIA CÂNDIDA PACHECO | Maria Leonor Xavier 178



ORLANDO VITORINO Alexandre Teixeira Mendes	181
PASCOAES José Vieira	192
PEDRO BAPTISTA Rui Lopo	195
PINHARANDA GOMES Elísio Góis	197

OUTROS VOOS

BREVE REFLEXÃO SOBRE A TRAGÉDIA António Braz Teixeira	206
CIDADANIA E DEMOCRACIA Carlos Magalhães	207
DAS MÁSCARAS César Tomé	210
EDUCAÇÃO E POESIA:	
TRAÇOS EM SEBASTIÃO DA GAMA E OUTRAS EVOCAÇÕES Emanuel Oliveira Medeiros	213
NOSSA SENHORA DAS SAUDADES Joaquim Domingues	222
A LEITURA INFINITA: A LEITURA EM VOZ ALTA, O QUE ACRESCENTA AOS TEXTOS? José Eduardo Franco	229
NOVE DEAMBULAÇÕES PRÓ-LUSÓFONAS Renato Epifânia	232
AUTOBIOGRAFIA 8 Samuel Dimas	239

EXTRAVOO

DOZE APONTAMENTOS INÉDITOS António Telmo	258
--	-----

BIBLÍAGUIO

VIDA CONVERSÁVEL José Almeida	264
PORTUGAL, RAZÃO E MISTÉRIO: A TRILOGIA Annabela Rita	265
O SÉCULO DOS PRODÍGIOS: A CIÊNCIA NO PORTUGAL DA EXPANSÃO José Luís Brandão da Luz	267
AS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA (DAS ORIGENS AOS NOSSOS DIAS) José Almeida	271
EUDORO DE SOUSA: ESTUDOS DE CULTURA ENTRE A UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA E A UNIVERSIDADE DO PORTO Luís Lóia	272
O PENSAMENTO E A OBRA DE MANUEL A. FERREIRA DEUSDADO José Almeida	274
EU SOU ESTE ROSTO ENXUTO / SOU ESTE CANTO INTERDITO Jorge de Moraes	275
DIACRÓNICAS Maria Luísa de Castro Soares	278

POEMÁGUO

ELOGIO DE TERESA MARIA António José Borges	91
O PRONUNCIAMENTO CASSÂNDRICO Jaime Otelo	91
ARRÁBIDA Jesus Carlos	148
NO JARDIM DE SOPHIA Maria José Leal	158-159
RUA DO CÁVADO (DO MEU MICRO-MUNDO) Delmar Maia Gonçalves	167
MEU BAIRRO; PARTILHA Ernesto Dabo	167
OMNIPRESENÇA DE CAMILO PESSANHA Manoel Tavares Rodrigues-Leal	191
PANDEMIA; SACRIFÍCIO; VIVER; EVIDÊNCIA; INVISÍVEL Samuel Dimas	256-257

MEMORIÁGUO

MAPÍAGUIO	281
-----------------	-----

ASSINATURAS

COLEÇÃO NOVA ÁGUA	284
-------------------------	-----

EDITORIAL

Ainda que não com esse título formal, António Ferro foi o melhor Ministro da Cultura que Portugal teve no século XX – facto que só não é mais consensualmente reconhecido por mero preconceito ideológico. Fernanda de Castro foi a sua companheira de sempre – companheira com obra própria, porém. Neste número, foi essa obra própria que evidenciamos, através de mais três dezenas de textos e testemunhos, que nos chegaram por via de Mafalda Ferro, sua neta e Presidente da Fundação António Quadros, nossa parceira institucional, a quem, desde já, aqui agradecemos.

No século XXI, a pandemia que tem assolado todo o mundo durante este ano é já o acontecimento mais relevante, à escala global, destas duas últimas décadas. Daí o repto que lançámos ao nosso universo de colaboradores: “Pensar de novo, pensar o novo: em tempos de pandemia”. Foram mais de uma dezena e meia de textos que nos chegaram e que aqui publicamos, começando pela colaboração sempre valiosa de Adriano Moreira. O ano de 2020 fica igualmente marcado pelo falecimento de Mário Bigotte Chorão, eminente figura do nosso pensamento jurídico, que aqui evocamos. Neste ano, passa igualmente uma década sobre a morte de António Telmo, figura não menos eminente do nosso pensamento histórico, cultural e filosófico. Neste número, publicamos “doze apontamentos inéditos” do próprio António Telmo – no próximo número, publicaremos um conjunto de dezasseis “Cartas para António Telmo”, de Dalila Pereira da Costa, bem como mais uma série de textos e testemunhos sobre o seu pensamento e obra, que tem sido republicada pela Zéfiro.

Neste número, evocamos igualmente, de forma mais breve, outras oito figuras da nossa cultura – de Albano Martins, poeta homenageado, a título póstumo, na edição de 2019 do Festival Literário “Tabula Rasa”, co-organizado pelo MIL: Movimento Internacional lusófono e pela *Nova Águia*, a (de novo) Pinharanda Gomes, a figura em maior destaque no número anterior.

E publicamos ainda mais oito “outros voos” – começando por um texto de António Braz Teixeira, o primeiro texto de uma obra entretanto lançada com a chancela do MIL.

Por fim, no “Bibliágui”, publicamos mais uma série de recensões de obras culturalmente relevantes – falando aqui apenas das primeiras quatro: “Vida conversável”, na sua versão integral, de Agostinho da Silva (publicação da Zéfiro, na Coleção *Nova Águia*); “Portugal, Razão e Mistério: a Trilogia”, de António Quadros (filho de António Ferro e Fernanda de Castro, a quem demos destaque no décimo segundo número da Revista); “O Século dos Prodígios: a Ciência no Portugal da Expansão”, de Onésimo Teotónio Almeida; e “As Literaturas de Língua Portuguesa (das origens aos nossos dias)”, de José Carlos Seabra Pereira, uma obra fundamental para a consolidação futura da nossa comum cultura lusófona.

Como recordamos no “Memoriágui”, foi ainda possível lançar publicamente o número anterior da Revista – no dia 10 de Março, na nossa sede institucional (Palácio da Independência, em Lisboa). Todas as várias dezenas de sessões de apresentação agendadas, em todo o país, para as semanas seguintes, foram porém canceladas, dado o estado de pandemia, que levou igualmente ao fecho das livrarias. Tal só não provocou o estrangulamento financeiro da Revista porque muitos Amigos da *Nova Águia* encomendaram entretanto, por via postal, um número significativo de exemplares. Gratos, por terem assim permitido a persecução do nosso Voo. Este número é-vos particularmente dedicado.

A Direcção da *Nova Águia*

Post Scriptum: Dedicamos este número a Alberto Araújo (Timor), Joaquim Veríssimo Serrão (Portugal), José Santiago Naud (Brasil) e Manuel Peçanha (Portugal), personalidades que nos deixaram recentemente e que, nos planos cultural e/ou cívico, muito contribuíram para a causa da Lusofonia.



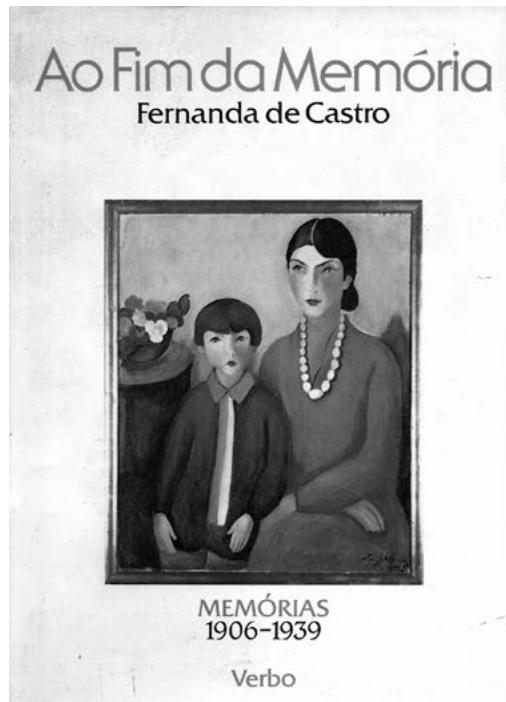
António Ferro e Fernanda de Castro



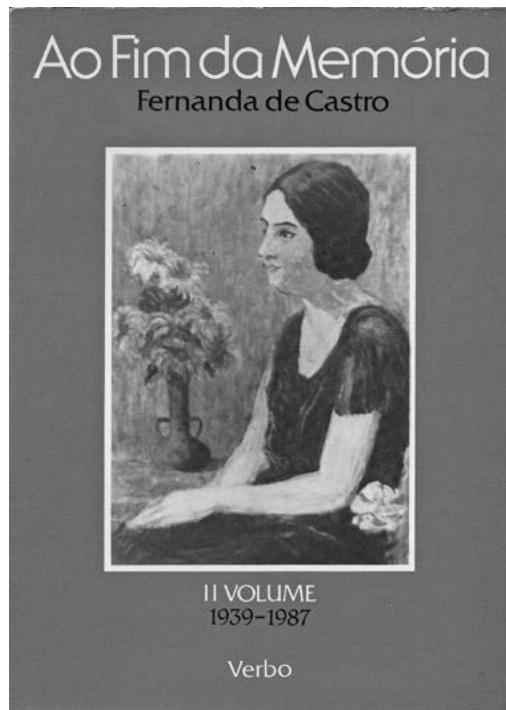
Exposição Internacional de Paris, 27 de Setembro de 1937. Reconhecem-se (da esquerda para a direita) António Lopes Ribeiro, [..., ..., ...] Ministro Gama Ochoa, rainha Dona Amélia de Bragança, Fernanda de Castro, [..., ...], Renée Maeterlinck, António Ferro e seus filhos Fernando e António, Guilherme Pereira de Carvalho, José Pedro Ferreira dos Santos, Júlio Cayola entre outros.



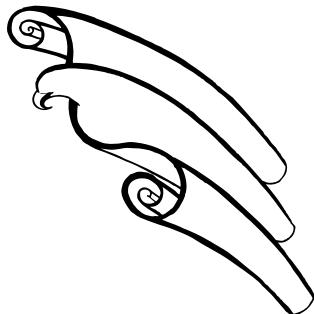
Grupo de participantes na estreia do Teatro de Câmara António Ferro. Reconhecem-se, de pé: José Carlos Ary dos Santos (3.º), Maria Germana Tânger (4.º), Edith Arvelos (7.º), Fernanda de Castro (9.º) e Heloísa Cid (10.º), Calçada dos Caetanos, 6, 1.º, 29 de Julho de 1963.



Ao Fim da Memória. Memórias (1906-1939), Capa: Reprodução do retrato de Fernanda de Castro e António Quadtros, por Sarah Affonso. Lisboa: Editorial Verbo, 1988.



Ao Fim da Memória II. Memórias (1939-1986). Capa: Retrato de Fernanda de Castro por Tarsila do Amaral (óleo). Lisboa: Editorial Verbo, 1988.



FERNANDA DE CASTRO
nos 120 anos do seu nascimento

Mafalda Ferro

Quando tudo é já silêncio, quando começo a ter sono, apago a luz, esqueço os homens e procuro encontrar Deus.

Fernanda de Castro

A vida adulta de Fernanda de Castro divide-se em ciclos distintos marcados por acontecimentos estruturantes de uma existência única, particularmente inspiradores. A cada um destes períodos de vida correspondem, além de iniciativas próprias, diferentes amizades e colaborações.

I – ANTES DO CASAMENTO (1915/1922)

Maria Fernanda, como era então conhecida, dá os primeiros passos na vida social e cultural de Lisboa pela mão de artistas e escritores com quem se vai cruzando, gente forte, generosa, inteligente e criativa. Estabelece as primeiras relações de amizade.

Ainda no liceu, conhece Teresa Leitão de Barros (1915), cuja casa confina com a sua; desta proximidade, resultará uma forte amizade estendida à família e aos amigos de ambas.

Toda a família Leitão de Barros era óptima e muito simpática, mas só o José era verdadeiramente sociável, aborrecendo todos com a mania dos seus chás literários. Eu era a sua confidente, a sua colaboradora, porque os irmãos, o Carlos, a Maria Luísa e a Teresa, não tinham a menor pachorra para as suas tentativas de «comunicação social». [F. de Castro, nas suas Memórias, 1986/1987]

Refira-se, por exemplo, Helena Roque Gameiro, Augusto Santa Rita, Américo Durão, José Bruges de Oliveira, Cottinelli Telmo, Luís Reis Santos, Pedro de Freitas Branco, Virgínia Victorino e outros que vai conhecendo através dos primeiros.

Meu Deus! Como éramos então felizes e como gostávamos todos uns dos outros. Como nos achávamos todos geniais, como a inveja e a má-língua andavam longe de nós! [F. de Castro, nas suas Memórias, 1986/1987]

Maria Fernanda ficara órfã de mãe aos 12 anos e, cinco anos depois, seu pai, casado em segundas

núpcias e como capitão de porto, rumava a S. Tomé e Príncipe, a Portimão, à Guiné... Como filha mais velha, Maria Fernanda, a pedido do seu pai, com o apoio de uma criada antiga e mais tarde de uma tia paterna, assume a responsabilidade da educação dos irmãos João, Francisco, Manuela e Afonso, embora este último, o mais novo, vá viver para o Algarve com o pai depois do seu segundo casamento.

Tem 18 anos quando Branca de Gonta Colaço, que tinha estudado com Ana, Maria do Castelo e Maria José, sua mãe e tias maternas, lhe escreve, convidando-a a visitá-la depois de saber da morte de Ana; queria conhecê-la e, além disso, os seus filhos Ana, Cristina e Tomaz eram da mesma idade. Assim, nasce entre ambas uma relação de mãe/filha, professora/aluna e uma forte amizade alargada a sua irmã Manuela e aos filhos de Branca. Nas suas cartas, Branca dirige-se-lhe como “Minha querida filha” ou “minha filha adorada” e assina amiúde como “esta Mãe que te adora, Branca”.

Em torno desta amizade, forma-se um grupo constituído por Maria Fernanda e sua irmã Manuela; Raul Gilman e sua mulher Irene, irmã de Branca; Maria Amélia Pereira da Silva; Virgínia Victorino e Virgínia Ferreira, sua madrinha; Ilda Pereira da Silva, Umbelina Gonta Martins; Branca e Jorge Colaço; Thomaz Ribeiro Colaço e as suas irmãs; Maria Carolina, José e Clara Gonçalves Paredes, entre outros. Os Colaço têm uma propriedade em Parada de Gonta onde, por vezes, alguns membros deste grupo passam alegres temporadas.

Todas as segundas-feiras ia a casa de Adelaide Lima Cruz (pintora, professora de Canto), mãe de Maria Antonieta e de Maria Adelaide Lima Cruz. Passava todos os domingos em casa de Branca de Gonta Colaço. [F. de Castro, nas suas Memórias, 1986/1987]

Já com 19 anos, começa a frequentar os salões literários e musicais de Lisboa, entre os quais os de Carlota Serpa Pinto, Elisa Sousa Pedroso, Bé Ameal, Veva de Lima (Genoveva de Lima Mayer Ulrich), mãe de Maria Ulrich, de quem se tornará também grande amiga, e, também, a Liga Naval de Lisboa, onde, no ano seguinte, conhece António Ferro, depois de ouvir a sua conferência “Colette, Colette Willy, Colette”.

Um dos raros sítios bem frequentados de Lisboa, onde uma rapariga podia ir dançar, ouvir um concerto, uma conferência, etc., era a Liga Naval, ali para os lados da Rua da Rosa, perto da Caixa Geral de Depósitos. Filha de oficial de Marinha, [eu] ia lá bastantes vezes [F. de Castro, nas suas Memórias, 1986/1987]

Em 1921, a convite de Joaquim Manso, seu antigo professor de Português, colabora no 1.º número do *Diário de Lisboa*, com um artigo/entrevista a Virgínia Victorino; ao lado de Aquilino Ribeiro, com a primeira parte da sua novela “O Esconjuro”; de António Ferro, com o artigo de crítica de arte “Os Consagrados” e a crónica “Rua do Ouro”, ilustrada por Almada Negreiros; e, com Afonso Bragança, na rubrica “Chá das Cinco”, que, ao longo dos anos, todos assinariam. Os primeiros artigos escreve-os sobre amigos: depois de Virgínia no n.º 1, escreve sobre os Roque Gameiro e, no n.º 3, sobre Adelaide Lima Cruz. A partir do segundo número, Tomaz Ribeiro Colaço, por quem nutrira a sua primeira forte paixoneta de juventude, começa também a colaborar no mesmo periódico.

No dia 18 de Janeiro de 1922, já noivo de Maria Fernanda, António Ferro aluga em Lisboa por 160\$00 uma casa pombalina, com azulejos de época em todas as suas grandes divisões e com jardim, no primeiro andar do n.º 6 da, então, Calçada dos Caetanos. No entanto, o preço era acessível, pois o soalho estava em péssimo estado e não tinha instalação eléctrica nem casas de banho.

Quando o António partiu para o Brasil com a Lucília e com o Erico Braga, já tínhamos alugado casa, esta casa onde vivo há sessenta anos, nesta rua que, para mim, será sempre a Calçada dos Caetanos. A casa era boa e bonita, estava bem situada mas de tal modo velha e estragada pelos anos e pelo abandono, que só poderia ser habitada depois de grandes obras. [F. de Castro, nas suas Memórias, 1986/1987]

II – DEPOIS DO CASAMENTO (1922/1933)

Em Agosto de 1922, depois do seu casamento por procuração com António Ferro, então no Brasil, parte sozinha ao seu encontro. O noivo é, em Lisboa, representado por Augusto Cunha,

seu grande amigo, casado com sua irmã Umbelina. Os padrinhos no Brasil são Lucília Simões e Gago Coutinho.

Foi também por essa altura, em Setembro ou Outubro de 1922, que no Rio conheci Berta Singerman e Margarida Lopes de Almeida, as duas grandes declamadoras, depois duas grandes amigas, para quem escrevi alguns poemas, entre os quais «Dia de Sol» «Alegria», «Poema da Maternidade», etc. [F. de Castro, nas suas Memórias, 1986/1987]

Chegada ao Brasil, é recebida calorosamente pelos notáveis do Movimento Modernista Brasileiro e, durante uma das tertúlias artístico-literárias organizadas pelo “Grupo dos Cinco”, retratada simultaneamente por Tarsila do Amaral e por Anita Malfatti. Este grupo, formado durante a Semana de Arte Moderna de São Paulo, era constituído por Mário de Andrade, Tarsila, Malfatti, Menotti Del Picchia e Oswald de Andrade, de quem se tornará grande amiga. Os seus retratos pintados por Tarsila e Malfatti viriam a ser utilizados em capas de dois dos seus livros, respectivamente no segundo Livro de Memórias e em *Cartas para Além do Tempo*.

Lembro-me de que estive lá [em Paris] pela primeira vez, já casada, com vinte e três anos, se não me engano, a convite dos nossos grandes amigos brasileiros Oswald de Andrade e sua mulher, Tarsila do Amaral, que conhecêramos em São Paulo no ano anterior. Tarsila era uma das maiores pintoras do Brasil, que viria a tornar-se uma celebridade, e nesse momento discípula de Fernand Léger. Ela e Oswald viviam uma vida de simpática boémia, de alegre camaradagem com artistas e escritores, sobretudo com músicos, pouco ou nada conhecidos ainda, mas que depressa iriam afirmar os seus nomes. O pequeno e heterogéneo grupo a que logo nos associámos era assim constituído: Oswald e Tarsila, Honegger, Erik Satie, Poulen, Picabia, Paul Poiret, o intelectual da moda, o António e eu. [F. de Castro, nas suas Memórias, 1986/1987]

Em Maio, o casal regressa a Lisboa e, depois de um período passado em casa dos pais Ferro, seguido de um mês de férias no Estoril, numa casa alugada a meias com os cunhados Augusto e Umbelina, muda-se enfim, em Outubro, para a nova casa.

- 1969 – *Fim-de-Semana na Gorongosa – Romance de Aventuras*, com capa e ilustrações de Inês Guerreiro. Lisboa, Edição da Autora. [1.ª Edição]
- 1969 – *Poesia I (1919 a 1969)*. Lisboa, Edição da Autora. (Prémio Nacional de Poesia)
- 1969 – *Poesia II (1919 a 1969)*. Lisboa, Edição da Autora. (Prémio Nacional de Poesia)
- 1973 – *Fontebela – Romance*, com capa de Manuel Lapa. Lisboa, Edição da Autora. [1.ª Edição]
- 1973 – *Mariazinha em África*, com capa e ilustrações de Inês Guerreiro. Livraria Editora Pax, Braga. [5.ª Edição]
- 1973 – *Varinha de Condão, Contos*, em colaboração com Teresa Leitão de Barros, com capa e ilustrações de Inês Guerreiro. Lisboa, Edição das Autoras. [3.ª Edição]
- 1983 – *A Ilha dos Papagaios*, com capa e ilustrações de Fernando Bento. Lisboa, Editorial Verbo.
- 1984 – *Maria da Lua. História de uma casa*, (Prémio Ricardo Malheiros, da Academia de Ciências de Lisboa, 1945). Lisboa, Editorial Verbo. [5.ª Edição]
- 1986 – *Ao Fim da Memória I. Memórias 1906 – 1939*, capa com retrato a óleo por Sarah Affonso. Lisboa, Editorial Verbo. [1.ª Edição]
- 1987 – *Ao Fim da Memória II – Memórias 1939 – 1987*, capa com retrato a óleo por Tarsila do Amaral. Lisboa, Editorial Verbo. [1.ª Edição]
- 1988 – *Ao Fim da Memória I. Memórias 1906 – 1939*, capa com retrato a óleo por Sarah Affonso. Lisboa, Editorial Verbo. [2.ª Edição]
- 1988 – *Ao Fim da Memória II – Memórias 1939 – 1987*, capa com retrato a óleo por Tarsila do Amaral. Lisboa, Editorial Verbo. [2.ª Edição]
- 1989 – *70 Anos de Poesia, na capa*, reprodução de um quadro de Maria Helena Vieira da Silva. Lisboa, Edições Fundação Eng.º António de Almeida. [1.ª Edição]
- 1989 – *A Espada de Cristal* (peça em três actos), seguida de *Maria da Lua* (peça em três actos). Lisboa, edições SPA.
- 1989 – *Urgente!* Lisboa, Guimarães Editores. [1.ª Edição]
- 1990 – *Cartas para além do tempo*. Lisboa, Europres. [1.ª Edição]
- 2004 – *África Raiz*, com ilustrações de Teresa Vergani. Lisboa, Parceria A. M. Pereira. [2.ª Edição]
- 2005 – *Ao Fim da Memória I Memórias 1906 – 1939*. Lisboa, Círculo de Leitores. [3.ª Edição]
- 2006 – *Ao Fim da Memória II Memórias 1939 – 1987*. Lisboa, Círculo de Leitores. [3.ª Edição]
- 2006 – *Cartas para além do tempo*. Lisboa, Círculo de Leitores. [2.ª Edição]
- 2006 – *O Veneno de Sol*. Lisboa, Círculo de Leitores. [3.ª Edição]
- 2006 – *Poesia I*. Lisboa, Círculo de Leitores. [2.ª Edição]
- 2006 – *Poesia II*. Lisboa, Círculo de Leitores. [2.ª Edição]
- 2006 – *Teatro* (colectânea dramatúrgica, com inclusão da peça inédita *Os Cães não Mordem*). Lisboa, Círculo de Leitores. [1.ª Edição]
- 2006 – *Tudo é princípio. Romance*. Lisboa, Círculo de Leitores. [1.ª Edição]
- 2007 – *A Princesa dos Sete Castelos*. Lisboa, Círculo de Leitores. [2.ª Edição]
- 2007 – *Fim-de-semana na Gorongosa*. Lisboa, Círculo de Leitores. [2.ª Edição]
- 2007 – *Fontebela*. Lisboa, Círculo de Leitores. [2.ª Edição]
- 2007 – *Ilha dos papagaios; Tesouro da Casa Amarela*. Lisboa, Círculo de Leitores. [1.ª Edição]
- 2007 – *Maria da Lua. História de uma casa* (Prémio Ricardo Malheiros, da Academia de Ciências de Lisboa, 1945). Lisboa, Círculo de Leitores. [6.ª Edição]
- 2007 – *Mariazinha em África; Novas Aventuras de Mariazinha*. Lisboa, Círculo de Leitores. [1.ª Edição]
- 2007 – *Raiz funda*. Lisboa, Círculo de Leitores. [2.ª Edição]
- 2007 – *Sorte*. Lisboa, Círculo de Leitores. [3.ª Edição]
- 2010 – *Alma, Sonho, Poesia. Seleção de Poemas*. Lisboa, Edições Fundação António Quadros.
- 2020 – *Ao Fim da Memória (1906 – 1987)*. Lisboa, Fundação António Quadros. [1.ª Edição]

António José Borges

ELOGIO DE TERESA MARIA

Houve um tempo em que te acompanhei pela manhã

Um tempo em que também conduzias o meu caminho

O tempo que agora é fora do tempo e do lugar
Tempo que agora e aqui continuamos a habitar

Esse tempo tem um nome e és tu, Teresa Maria
Com tudo o que sempre tens para nos dar
Com essa tua contagiente consciência de continuar
No tempo em que tudo há a ganhar e nada a perder

Por isso aqui estamos ao teu lado e com vontade
Conjugando a amizade e o verbo agradecer
Porque o tempo na verdade não tem idade

E assim houve um tempo em que nos vias ao
teu lado
Mas toma nota agora e sempre, Teresa Maria
Onde quer que estejas, nós também estamos lá

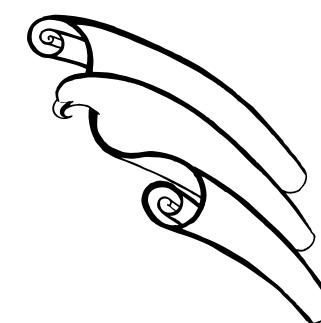
Porque uma boa amizade vale bem mais por sinal
Do que tudo aquilo que na realidade nos faz mal

Jaime Otelo

O PRONUNCIAMENTO CASSÂNDRICO

O poema nada vale se não fizer arder:
A poesia na mente, a indignação no peito
e no ventre da terra as musas caladas.

É a criação em contraste, a cidade-deserto:
a violência na paz faz mais sentido nas cinzas
e o único poeta foi, de facto, Nero.



**pensar de novo, pensar o novo:
EM TEMPOS DE PANDEMIA**

SEM BÚSSOLA

Adriano Moreira

Não foi longo o tempo em que se tornou preocupante reconhecer que o projeto posterior à guerra de 1939-1945, que tinha raiz na utopia da ONU, que anunciaava a paz com a responsabilidade de um diretório aristocrático de apenas cinco potências, uma delas, a China, representada pela ilha de Taiwan, ficando a aristocracia duvidosa.

No século XX, os acontecimentos multiplicaram as interdependências progressivamente conflituosas, com factos que identificaram o terrorismo, crescendo o despertar do Médio Oriente, onde o mundo árabe agitava o futuro. A União Europeia, que na sequência da Guerra de 1939-1945 abandonou o Império Euromundista, obrigada a avaliar tempos que, como foi dito, poderiam ser de *désélargir*, tendo inesperadamente como exemplo o Brexit, ao qual a oposição mais confiável seria a do *affectio societatis*. Infelizmente, o tempo que vivemos, e que procurou fazer surgir com evidência a “Terra casa comum dos homens”, foi um resultado igualmente já lembrado na notável carta do chefe índio Seattle (1854) ao presidente dos EUA Franklin Pierce, sem resposta. Escreveu ele: “De uma coisa sabemos, e que talvez o homem branco venha a descobrir um dia. O nosso Deus é o mesmo Deus. Podeis pensar que somente vós O possuíis, como desejais possuir a terra, mas não podeis. Ele é o Deus do homem e Sua compaixão é igual tanto para o homem branco quanto para o homem vermelho. Esta terra é querida Dele, e ofender a terra é insultar o seu Criador.” Nos poucos dias vividos neste século, a expressão mais comum dos realistas (*Ramses*, 2020) é que nos encontramos “num mundo sem bússola”. Do ponto de vista secular do Portugal que nasceu ligado ao mar, uma das conclusões é que

os mares recuperaram perigos, não apenas pela pirataria marítima, também por ser um espaço militarmente em mudança. A China é um exemplo quando decide regressar ao mar que deixara de navegar antes de ali chegar o poder naval português. O multilateralismo, que foi discutido e recomendado na Assembleia Geral da ONU, foi recusado na intervenção dos EUA, embora a maioria, na qual ficou a intervenção do Presidente de Portugal, o defendesse. A resposta ao real desrespeito à ONU pela “diplomacia de clubes” mal implica a lembrança do jornal francês que noticiou a paz afirmando “esta alegria coberta de lágrimas”.

A memória portuguesa é suficiente para recordar a II Guerra Mundial e ponderar que, por enquanto, é o interesse americano que exige aumento da contribuição financeira à NATO, quando se procura a segurança e a defesa de todos, o que não evitou nascer a questão da criação, se necessário, de um exército europeu. A inesperada imposição pode incluir, no pensamento e na discussão, qualquer parte do grupo mundial das migrações, a diferença entre emigrantes e assilados, que o Acordo da ONU de 2018 procurou ordenar, e que os EUA têm experiência em limitar. Cento e sessenta Estados assinaram, mas a resistência dos factos não faz desaparecer a qualificação do Mediterrâneo como um cemitério, de adultos e crianças.

Muitos analistas concordam que, em tão pouco tempo, este 2020 apareça como sendo de um mundo sem bússola, marcado pelo desastre global da pandemia, que atinge o género humano, sem distinguir grandes ou pequenos países, com a ordem mundial jurídica atingida por rivalidades, por enquanto verbais, entre, por exemplo, os emergentes EUA e China, um mundo

político com pouca atenção à pregação de Francisco, Papa dos católicos, que chama a atenção para a América Latina, uma criação dos dois Estados ibéricos, Portugal e Espanha. Existe ali o atribuído privilégio da primeira elaboração das teorias do populismo desde 1960, mas, nesta data, a desordem, a pobreza e a violação dos direitos humanos, destacando premissas do livro de Mélenchon *Qu'ils s'en aillent tous!*, partindo da crise na Argentina de 2001.

Mas o Brasil, subitamente, é o principal inspirador das perplexidades e dos deveres portugueses. Não apenas pelo passado, mas também pela desordem que atinge o espaço abrangente da história e da responsabilidade marítima do Atlântico Sul. Também nos pertencerá recriar a

bússola. E não é apenas pelo compromisso assumido na Assembleia Geral da ONU, fortalecido pela autoridade da voz portuguesa que assumiu o compromisso. É também pelo valor histórico da América Latina, que lembrou a Gilberto, sem que o fim da vida lhe permitisse, escrever sobre o iberotropicalismo: e sobretudo pelo interesse e pelo dever português no que respeita ao Atlântico Sul, não apenas no interesse nacional, mas também na parte dessa intervenção que articula parte significativa do globalismo, e pela importância evidente dos valores que chamam a nossa Marinha em relação ao Atlântico Sul, cujo risco crescerá se continuar a ser negativa a utopia da ONU.

A CRISE ESTABELECIDA E A AVERSÃO AO ESTRANHO: O NOVO DESPERTAR DA VIVÊNCIA RACIONAL

António Duarte Santos

DA ORIGEM DE UMA CRISE NÃO ECONÓMICA

Desde a comprovação científica da presença e aparente demorada subsistência do vírus Covid-19, que teve o seu embrião no vírus SARS-CoV-2, a vida humana sofreu um potente abalo que provocou não apenas sensibilidades colossais devido às alterações da atividade económica e, como consequência, dos seus reflexos nos comportamentos das pessoas. Supostamente, parece que temos dentro de nós uma sensação de eternização do vírus. Esta inquietação é racional porque consideramos que ele se desenvolve dentro do corpo humano e pode levar à morte. Por outras palavras, é potencialmente letal. É a razão a impor-se ao instinto, ou seja, a obrigar-se ao pensamento adquirido como normal e não racionalmente estruturado. Sendo uma perturbação respiratória, ela transmite-se de pessoa para pessoa através de microgotas que expiramos. É uma moléstia que pode executar mendigos e milionários porque falecem

sufocados procurando algo que é grátil: o ar! Sim, o ar que respiramos. A quem isto suceder, os bens comuns, materiais ou não, tangíveis ou intangíveis, ficam no planeta. Esta preocupação, que facilmente resulta em medo, é transversal a todos os humanos porque esta crise transmite apreensão futura com uma intensidade maior do que qualquer outra. Um acontecimento desta envergadura poderá ser comparada com a influência pneumónica de 1918-1919, também conhecida como gripe espanhola, ela própria altamente contagiosa e que provocou uma relevante perturbação demográfica em Portugal, de acordo com o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge, ele próprio à época Director-geral da Saúde em Portugal. Além de alguns trabalhos científicos, os relatos dos nossos pais e avós confirmam o pânico que se viveu à época. A primeira Guerra Mundial foi uma arena perfeita para a sua propagação. De pouco vale fazer prognósticos sobre o que poderão ser as